

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Diversidades - Visibilidade e Garantia de Direitos: Extensão, Pesquisa e Ensino Universitário

Diversities - Visibility and Guarantee of Rights: Extension, Research and University Education

Diversidades - Visibilidad y Garantía de Derechos: Extensión, Investigación y Formación Universitaria



Anelise Rebelato Mozzato

Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil
anerebe@upf.br



Cristina Fioreze

Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil
fiorezecristina@gmail.com



Luciana Grolli Ardenghi

Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil
lucianaa@upf.br



Maira Sgarbossa

Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil
114278@upf.br



Patricia Ketzer

Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil
patriciaketzer@gmail.com

Resumo: A realidade das pessoas que não se enquadram no padrão heteronormativo de sexualidade e gênero, especialmente dos/das transexuais, é permeada por preconceito e discriminação. Este relato tem como objetivo socializar a experiência em extensão universitária do Projeto “Diversidades: Visibilidade e garantia de direitos” e suas articulações com a pesquisa e o ensino na Universidade de Passo fundo (UPF). As atividades iniciaram-se no ano de

2016, a partir das demandas do Ambulatório de Identidade de Gênero, ligado à Secretaria Municipal de Saúde de Passo Fundo. O projeto está constituído nos eixos Educacional e Clínico com abrangência para a comunidade interna e externa. Portanto, é significativo o papel da extensão universitária no fortalecimento social da universidade brasileira e ações como as do Projeto Diversidades, constituem-se em práticas capazes de tecer vínculos entre a universidade e as demandas da população, além de contribuir para a formação de profissionais comprometidos com o avanço de uma sociedade mais inclusiva.

Palavras-chave: Diversidades. Extensão universitária. Pesquisa científica. Ensino universitário. Visibilidade.

Abstract: The reality of people who do not fit in the heteronormative pattern of sexuality and gender, especially transsexuals, is permeated by prejudice and discrimination. This report aims to socialize the experience in university extension of the Project “Diversities: Visibility and guarantee of rights” and its links with research and teaching at University of Passo Fundo (UPF). The activities started in 2016, based on the demands of the Gender Identity Clinic, linked to the Municipal Health Department of Passo Fundo. The project is constituted in the Educational and Clinical axes with scope for the internal and external community. Therefore, the role of university extension in the social strengthening of the Brazilian university is significant and actions such as the Diversidades Project, whether in practices capable of creating links between a university and as demands of the population, in addition to contributing to the academic formation of professionals committed to the advancement of a more inclusive society.

Keywords: Diversities. University Extension. Scientific research. University education. Visibility.

Resumen: La realidad de las personas que no encajan en el patrón heteronormativo de la sexualidad y el género, especialmente de los transexuales, está impregnada de prejuicios y discriminación. Este informe tiene como objetivo socializar la experiencia en extensión universitaria del Proyecto “Diversidades: Visibilidad y Garantía de Derechos” y sus articulaciones con la investigación y la docencia en la Universidad de Passo Fundo (UPF). Las actividades se

iniciaron en 2016, en base a las demandas de la Clínica de Identidad de Género, vinculada al Departamento Municipal de Salud de Passo Fundo. El proyecto consta de ejes Educativos y Clínicos, abarcando la comunidad interna y externa. Por tanto, el papel de la extensión universitaria en el fortalecimiento social de la universidad brasileña es significativo y acciones como el Proyecto Diversidades constituyen prácticas capaces de tejer vínculos entre la universidad y las demandas de la población, además de contribuir a la formación de profesionales comprometidos con el avance de una sociedad más inclusiva.

Palabras clave: Diversidades. Extensión Universitaria. Investigación científica. Educación universitaria. Visibilidad.

Data de submissão: 07/06/2021

Data de aprovação: 13/09/2021

Considerações Iniciais

Este artigo tem como objetivo socializar uma experiência em extensão universitária e suas articulações com a pesquisa e o ensino na Universidade de Passo Fundo (UPF), uma universidade comunitária localizada no norte do estado do Rio Grande do Sul. Tal experiência está vinculada ao projeto de extensão denominado como “Diversidades: visibilidade e garantia de direitos”, o qual vem atuando há mais de cinco anos junto à comunidade (acadêmico-científica e sociedade em geral), com um corpo docente e discente de diferentes áreas do conhecimento: Fonoaudiologia, Serviço Social, Psicologia, Medicina, Administração, Direito e Filosofia.

Diante do papel fundamental de uma universidade na construção dos saberes e na formação integral dos/as estudantes (além do saber técnico) (SILVA, 2016), como também apontam Rodrigues *et al.* (2013), cada vez mais se faz necessário trabalhar com a tríade ensino, pesquisa e extensão. A indissociabilidade da tríade é essencial (GONÇALVES, 2015). Os autores referem que só assim os/as educandos/as estarão preparados para o enfrentamento dos problemas sociais.

Neste contexto de problemas sociais, encontram-se a visibilidade e garantia de direitos de grupos diversos. As minorias se constituem em uma das questões que precisa ser trabalhada em prol de uma sociedade melhor. Então, é nessa busca pela visibilidade e garantia de direitos que se justificam as ações desenvolvidas por este projeto de extensão. Por mais que as mais variadas diversidades (ex: gênero, gerações/idade, raça, etnia, pessoas com

deficiências – PCDs) sejam contempladas nessa busca, muitas das ações deste projeto de extensão estão voltadas para a realidade brasileira, vivenciada por pessoas que não se enquadram no padrão heteronormativo de sexualidade, especialmente transexuais.

Tal realidade é complexa e permeada por preconceito e discriminação, o que gera obstáculos que dificultam ou inviabilizam a constituição do sujeito enquanto cidadão de direitos. Este projeto de extensão busca construir práticas com a finalidade de combater essa realidade, por mais que seja no campo local e regional, em um primeiro momento. Cabe salientar que este projeto é institucionalizado na UPF e, cada vez mais, busca a necessária articulação entre a extensão, a pesquisa e o ensino por meio de atividades diversificadas.

Diante do exposto, tem-se como objetivo deste trabalho o relato de uma experiência de extensão universitária e suas articulações com a pesquisa e o ensino na UPF, revelando assim as ações de extensão que buscam o protagonismo dos estudantes na geração do conhecimento e na promoção da saúde dos grupos sociais classificados como minorias. Para tanto, além dessas considerações iniciais, o texto foi dividido em mais cinco seções: a seção 2 é destinada à exposição teórica sobre tríade ensino-pesquisa-extensão; a seção 3 expõe os procedimentos metodológicos; a seção 4 descreve o projeto de extensão universitária estudado, onde são elencadas as principais ações implementadas; na seção 5 são expostas as percepções dos participantes do referido projeto de

extensão; e, por fim, na seção 6 são delineadas as considerações finais.

Ensino Pesquisa e Extensão Universitária

O artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988 determina a indissociabilidade dos três eixos: ensino-pesquisa-extensão. Esta indissociabilidade, conforme menciona Gonçalves (2015), deriva de demandas por mudanças necessárias frente à função da universidade, do ensino e da pesquisa nela desenvolvidos, alçando o mesmo status destes dois (não há hierarquia na Constituição). Nesse sentido, Tauchen e Fávero (2011, p. 406) referem que:

O conceito de indissociabilidade remete a algo que não existe sem a presença do outro, ou seja, o todo deixa de ser todo quando se dissocia. Alteram-se, portanto, os fundamentos do ensino, da pesquisa e da extensão, e por isso trata-se de um princípio paradigmático e epistemologicamente complexo.

Assim, diante da premissa da articulação entre pesquisa, ensino e extensão, faz-se necessário reconhecer que o professor, o estudante e a comunidade fazem parte da extensão, ainda mais diante das exigências legais da curricularização da extensão pelo Ministério da Educação. Conforme Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, a extensão universitária é considerada um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. Nesse entendimento, reitera-se que a extensão possibilita ao acadêmico a experiência do contato entre o aprendizado na teoria (por meio da universidade) e a aplicabilidade na

sociedade (MANCHUR; SURIANI; CUNHA 2013; CANON; PELEGRINELLI; 2019).

Garcia (2012) e Vieira e Dalmolin (2015), entre outros, salientam a importância da curricularização da extensão para além das exigências legais. Entretanto, para que ela aconteça de fato, precisa ser planejada para fazer parte integrante do projeto institucional das universidades e dos projetos políticos pedagógicos dos cursos universitários (graduação, pós-graduação).

Nesse direcionamento, Abranches (2014, p. 50) coaduna ao salientar que:

A pesquisa está presente nas ações de extensão para permitir conhecer, analisar e intervir na realidade, pois esta garante a oxigenação do ensino e da extensão a partir dos questionamentos sobre a realidade vivenciada. O ensino deve se articular com a pesquisa e a extensão para não se reduzir a reprodução de conteúdo, e a extensão precisa se articular à pesquisa e ensino para não se reduzir ao ativismo.

Desta maneira, os estudantes são estimulados à crítica e à atuação contextualizada e responsável, estabelecendo um diálogo respeitoso, construtivo e transformador com a comunidade como um todo, vista a necessidade da “promoção de iniciativas que expressam o compromisso social das Instituições de Ensino Superior (IES) com todas as áreas, em especial, as de comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção, trabalho, em consonância com as políticas ligadas às diretrizes para a educação ambiental, educação étnico-racial, direitos humanos e educação indígena” (BRASIL, 2018). Apenas desse modo a extensão atua de forma reflexiva e ética, pois assim a comunidade

acadêmica atua no enfrentamento de demandas sociais pautadas nos dezessete Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

O contexto mundial enfrenta desafios de ordens diversas, passando por problemas econômicos, sociais e ambientais severos, o que deveria impelir a busca por soluções que possam minimizar ou mitigar as mazelas que são decorrentes de tais problemas. É nessa lógica que surgem os ODS, os quais têm como propósito a definição de prioridades e anseios globais até 2030. Como destacado pela Organização das Nações Unidas (ONU), os ODS representam uma oportunidade para eliminar muitas mazelas, colocando o mundo numa trajetória mais digna e sustentável (BRASIL, 2015).

Diante deste contexto, como destaca Silva (2016), as universidades têm papel fundamental na construção do conhecimento e na formação de profissionais detentores de capacidades técnicas e de valores sociais e políticos ajustados ao compromisso com as gerações futuras e, em última análise, com os ODS. Daí a importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, formando os/as graduandos/as como sujeitos sociais conscientes. Portanto, compreende-se como função da educação superior seguir a tríade ensino, pesquisa e extensão, buscando a conscientização dos/as educandos/as frente aos problemas sociais. Como apontam Rodrigues *et al.* (2013), cada vez mais se fortalece o entendimento de extensão universitária como forma de processo educativo, cultural e científico, fomentando a troca de conhecimento entre estudantes,

professores e sociedade com o intuito de estabelecer uma relação mútua entre todos os envolvidos.

Nessa perspectiva, Silva (2016, p. 38) destaca:

É por meio da compreensão de que a Universidade se insere em um território que apresenta problemas sociais diversos de outros, que o tripé formado por Ensino, Pesquisa e Extensão pode atuar sobre essa realidade e responder aos problemas que o diálogo com os diversos segmentos da sociedade lhe permitirão identificar

Desse modo, pode-se referir que a Universidade, por meio da observação da dinâmica social do seu entorno, pode aplicar ou desenvolver suas pesquisas para que estas possam dar as respostas aos problemas reais da sociedade. Ademais, Silva *et al.* (2017) apontam que, por meio da extensão, torna-se possível exercer a difusão, socialização e democratização do conhecimento e das novas descobertas para com a comunidade, além de usufruir do aprendizado que ela proporciona.

Desse modo, a extensão também propicia a complementação da formação dos universitários através da aplicação prática, conforme complementam os autores. Segundo De Paula (2013), a extensão coloca a universidade frente ao seu papel de instituição comprometida com a transformação social, possuindo um papel corretivo no que diz respeito a obstáculos que geram assimetria na apropriação dos saberes construídos no espaço universitário.

A extensão trabalha com o conhecimento, e este, como salienta Freire (2006), exige uma participação curiosa do indivíduo em face do mundo, requer sua ação transformadora sobre a realidade, demanda busca contínua, implica invenção e reinvenção, reivindica a

reflexão crítica de cada um/uma sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está seu ato submetido. Por isso mesmo é que, na metodologia de aprendizagem, somente aprende verdadeiramente aquele que se apossa do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, e reinventa-o. Antagônico a isso, aquele que é sobrecarregado por outros conteúdos cuja inteligência não percebe, de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja posto em desafio, não aprende.

Nessa lógica, torna-se crucial seguir as premissas de Paulo Freire apresentadas em sua obra “pedagogia do oprimido”, na qual ele destaca o desejo de modificação das estruturas sociais dominantes, a partir da promoção de valores e da ética. Assim, levando os envolvidos a perceberem as situações de exploração/julgamentos pelas quais as populações mais desfavorecidas passam e a possibilidade de superar essas divergências, garantidas constitucionalmente.

A extensão cumpre de fato o seu papel quando, fazendo parte da universidade na incorporação aos currículos, está embebida na pedagogia crítica e operando através do ensino e da pesquisa. Só dessa maneira a extensão estaria sendo trabalhada com o necessário caráter comunicacional, respeitando as trocas de saberes através da pesquisa e do ensino (BOTOMÉ, 2001; SILVA, 2001). Botomé (2001) traz importantes contribuições para compreender o papel da extensão na esfera universitária.

Corroborar-se com Freire (2006) quanto ao fato de que o processo de extensão é educativo e dialógico, que deve ocorrer fora da lógica da educação “bancária”. Dessa maneira, o extensionista deve ir a “campo” sabendo que todos os envolvidos não são “latas vazias”, refere o autor, ou seja, todos detêm vivências e conhecimentos que devem ser respeitados. Como bem pontua Freire (1996), a educação é diálogo, é um encontro de sujeitos que buscam a significação dos significados, que nas relações trocam e se humanizam.

Nessa perspectiva, Rocha (2001) destaca que é preciso repensar o extensionismo universitário, em uma dimensão em que estudantes, professores e a população/comunidade sejam atores mais ativos e que um dos objetivos dessa interação seja a edificação de uma sociedade de paz, mais justa, mais humana e mais feliz. Dessa forma, como bem referem Canon e Pelegrinelli (2019), a extensão universitária impacta positivamente na formação dos/as estudantes da educação superior.

Desse modo, fica evidente que a concepção de extensão crítica é imprescindível nessa intersecção com o ensino e a pesquisa. Diferentemente do modelo de desenvolvimento de viés econômico clássico, a extensão deve estar inserida no processo de formação de estudantes de graduação e pós-graduação. O seu valor pedagógico e cognitivo, numa perspectiva reflexiva e dialógica, só legitima os conhecimentos e contribui com o desenvolvimento da sociedade.

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho diz respeito a um relato de experiência sobre o projeto de extensão universitária “Diversidades: visibilidade e garantia de direitos”, o qual é detalhado em sua origem e ações na próxima seção. O relato foi construído tendo como base uma pesquisa qualitativa (FLICK, 2009; YIN, 2016), na qual foram utilizadas as seguintes técnicas de coleta de dados: observação participante, entrevistas e pesquisa documental.

A observação participante ocorre em todas as ações realizadas no projeto de extensão, sendo que as pesquisadoras participam ativamente do projeto, inclusive, duas delas desde o início (2016). Ao ficar evidente que o nível de realidade não poderia ser quantificado, trabalhou-se com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos, como afirmam Minayo, Deslandes e Gomes (2010). Assim, notas de campo foram realizadas durante todas as atividades e ações, desde o início do projeto. Quanto às entrevistas, teve-se como base os seguintes questionamentos: “o que acha/achou da sua participação nessa atividade/ação?”, “Entende como válida a sua participação no projeto, nas ações/atividades desenvolvidas pelo projeto?”, “Qual a importância para você, ao participar do projeto e/ou suas ações?”. Enfim, trabalhou-se com questões que buscaram captar a percepção dos diferentes participantes do projeto de extensão ou ações desenvolvidas nele, em diferentes momentos da sua existência. No que tange a pesquisa documental, foram

analisados arquivos diversos de posse da coordenação do projeto, bem como atas de reuniões, fotos, relatos, planos de atividades etc.

Tais técnicas de coleta de dados foram trabalhadas com toda a população do estudo, a qual corresponde aos participantes do projeto de extensão (professores, estudantes e algumas pessoas da comunidade) da UPF e seu entorno. Além disso, os dados foram coletados ao longo dos quase seis anos de existência do projeto, principalmente por meio da pesquisa documental e os registros no caderno de campo, correspondente às observações dos participantes. Tais documentos e registros estão de posse da coordenação do projeto.

O processo de análise dos dados se deu por meio das cinco fases propostas por Yin (2016) para as análises de dados qualitativos: 1) primeiramente, os dados foram compilados; 2) num segundo momento, seguiu-se com a decomposição dos dados; 3) após, a recomposição desses dados; 4) assim foi possível fazer as interpretações dos dados; 5) por fim, as conclusões das análises foram realizadas. Nessa lógica, na próxima seção o projeto de extensão é explicitado nas suas diferentes nuances, seguido das análises empíricas.

O Projeto de Extensão Universitária: Diversidades

O projeto de extensão “Diversidades: visibilidade e garantia de direitos” iniciou suas atividades no ano de 2016, a partir das demandas do Ambulatório de Identidade de

Gênero, ligado à Secretaria Municipal de Saúde de Passo Fundo e em parceria com o Curso de Medicina da UPF, tendo sido identificado um conjunto de demandas que extrapolavam o âmbito da saúde e exigiam intervenções de caráter interdisciplinar e intersetorial.

Por mais que as mais variadas diversidades (ex: gênero, gerações/idade, raça, etnia, pessoas com deficiências – PCDs) sejam contempladas neste projeto de extensão, muitas das ações são voltadas para a realidade vivenciada por pessoas que não se enquadram no padrão heteronormativo de sexualidade e gênero, especialmente pessoas transexuais. Infelizmente, a transfobia é uma realidade inegável, a qual leva a muitos episódios de violência, havendo vários contextos de negatividade e resistência, como referem Mott (2006) e Zerbinati e Buns (2019).

Assim, têm-se como objetivos do projeto: contribuir para a defesa e promoção dos direitos da população LGBTQIA+, promover cuidado em saúde e atenção a demandas psicossociais e de saúde, oferecer ações de acolhimento e escuta às famílias dos pacientes e oferecer oportunidades de acompanhamento fonoaudiológico para conformação vocal. Com tais objetivos, o projeto segue dois eixos: 1) Educacional – tem como foco a superação dos preconceitos e a atenção a demandas psicossociais, socioeducativas e jurídicas da população LGBTQIA+; 2) Clínico - é constituído por atividades realizadas na Clínica de Fonoaudiologia e Psicologia da UPF, com foco na atenção à população transexual e seus familiares. Nesse contexto, tem-se como objetivo o desenvolvimento de ações

multiprofissionais, de cunho biopsicossocial, com atuação local e regional, justamente para contribuir na defesa e promoção dos direitos da população LGBTQIA+.

As ações do primeiro eixo são realizadas em diferentes espaços sociais, como escolas, associações, Universidade de Passo Fundo, entre outros. Entretanto, as ações do segundo eixo são realizadas junto à clínica. Dentre tais ações, destacam-se: orientações pelo serviço social, atividades de formação para a comunidade acadêmica da UPF, campanhas informativas com centralidade em escolas e instituições de ensino, oficinas, salas temáticas, seminários, cine-fórum e outras ações coletivas para sensibilização acerca das vulnerabilidades das diversidades e superação de preconceitos. Diante das demandas da população, o Eixo 2 do projeto voltou-se para atividades realizadas na Clínica de Fonoaudiologia com foco no cuidado com a comunicação e na atenção psicossocial à população transexual e seus familiares. As ações desenvolvidas voltaram-se para o cuidado vocal integral no processo de confirmação vocal associado à intervenção psicológica e da assistência social no contexto clínico por meio de multiconsultas e acompanhamento integral.

Dessa maneira, os atendimentos à população transexual e seus familiares são realizados gratuitamente, por meio do Sistema Único de Saúde, considerando e respeitando os preceitos da saúde pública do Brasil, como é manifestado no trabalho de Arán, Murta e Lionço (2019). Portanto, o olhar se volta tanto para a saúde física, quanto mental, justamente em razão da inegável transfobia, como salientam Zerbinati e Bruns (2019).

Atualmente, por conta da pandemia originada pelo coronavírus, causando a Covid-19 e trazendo um conjunto de restrições para garantir o distanciamento social, as atividades na clínica estão sendo mantidas nos momentos permitidos e seguindo todos os protocolos de segurança. Entretanto, as atividades educacionais passaram a ocorrer de forma remota, por meio de reuniões on-line, lives e workshops. Inclusive, trabalhos decorrentes das atividades do grupo de extensão têm sido apresentados em diferentes eventos científicos voltados para a pesquisa, ensino e extensão. Sem dúvida que os participantes do projeto de extensão foram desafiados diante dessa experiência remota, porém, com a utilização de tecnologias disponíveis, foi possível o desenvolvimento de ações também no eixo 1 (Educação), uma vez que professores, alunos e comunidade foram envolvidos.

Nessa busca pela saúde e bem-estar e redução de desigualdades, inclusive de gênero e de identidade de gênero, é que se justificam ações desenvolvidas por esse projeto de extensão da UPF. A luta por direitos e contra o preconceito LGBTfóbico no Brasil, iniciado em 1980, fez com que os movimentos sociais e de direitos humanos erguessem bandeiras de igualdade de oportunidades e extrusão de barreiras preconceituosas que excluía as minorias e as pessoas consideradas “diferentes ou não normais”, ou que estivessem fora do padrão estabelecido por uma parte da sociedade, dentre elas, a população LGBTQIA+.

Atuando há mais de cinco anos junto à comunidade acadêmico-científica e sociedade em geral, o projeto conta

com a participação de um corpo docente de diferentes áreas do conhecimento e, conseqüentemente, alunos dessas diversificadas áreas do saber: Fonoaudiologia, Serviço Social, Psicologia, Medicina, Direito, Administração e Filosofia. Tal projeto de extensão está articulado com outras iniciativas universitárias, a exemplo de grupos de pesquisa e, mais diretamente, com dois grupos de pesquisa cadastrados junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e liderados por duas professoras que fazem parte deste projeto de extensão: Núcleo de Estudos da Comunicação (NEC), com área de concentração na Fonoaudiologia e Grupo de Estudos em Gestão Estratégica de Pessoas (GEGEP), com concentração na área da Administração e Psicologia. Dessa forma, possibilita ainda mais a tríade ensino-pesquisa-extensão, já estabelecida no artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988.

Portanto, ciente de que o/a professor/a, o/a estudante e a comunidade fazem parte da extensão, tem-se como premissa a busca pela articulação entre a pesquisa, extensão e ensino, ainda mais diante das exigências legais pela curricularização. Apenas dessa forma a extensão atua de forma reflexiva e ética, pois assim a comunidade acadêmica atua no enfrentamento de demandas sociais pautadas nos ODS. O projeto de extensão Diversidades está diretamente relacionado com três dos dezessete ODS: ODS 3 - saúde e bem-estar, ODS 5 - igualdade de gênero e ODS 10 - reduzir as desigualdades.

Percepção dos Participantes do Projeto

Diversidades

Em levantamento realizado junto aos participantes do projeto de extensão (professores, estudantes e comunidade) sobre as ações desenvolvidas, constata-se que há consenso quanto à necessidade da continuidade do trabalho que vem sendo desenvolvido. Quando os/as participantes das oficinas e workshops são solicitados a manifestar suas percepções sobre as ações desenvolvidas, as consideram de suma importância, inclusive referem que cada vez mais deve ser expandido, envolvendo mais pessoas. Seguem depoimentos comprobatórios de alunos/as:

Que bom que essa iniciativa existe, foi uma experiência maravilhosa que agregou muito conhecimento sobre temas importantíssimos.

Que bom que foi proposta uma discussão tão importante dentro da universidade sobre um assunto presente na vida de cada uma de nós.

Muito positivo a universidade estar construindo este projeto e permitindo e que se possa melhorar a vivência entre as diferenças.

De Paula (2013, p. 20) declara que “é tarefa da extensão a promoção da interação dialógica, da abertura para alteridade, para a diversidade como condição para a autodeterminação, para a liberdade, para a emancipação.” Logo, observa-se que a participação nas atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão “liberta” ao novo aprendizado, traz para a discussão questões “ocultadas” e coloca em contato com experiências e articula-as

internamente, mobilizando-as no sentido do “enfrentamento saudável”.

Os/as professores/as que participam do projeto de extensão também o identificam como muito importante, tanto do ponto de vista de suas carreiras enquanto professores/as e pesquisadores/as, quanto para suas vidas pessoais. Falas comprobatórias são apresentadas:

Depois de anos como docente e pesquisadora na UPF, foi muito satisfatório começar a participar deste grupo de extensão. Cada vez fica mais evidente para mim a importância do famoso tripé: educação, pesquisa e extensão. Além disso, já aprendi muito e percebo que tenho muito ainda para aprender. E, quando eu digo aprender, não é só em relação ao tema central do projeto “Diversidades” (o que já é muito), mas em relação à minha atuação enquanto profissional da educação. Digamos que hoje eu me sinto mais ciente da minha função enquanto profissional da educação.

A vivência no projeto diversidades proporcionou momentos de construção e reconstrução da minha carreira como docente. Construção de práticas integrais no cuidado com a saúde e na relação interprofissional no processo direto com os sujeitos envolvidos. Reconstrução no sentido de aprimoramento constante da escuta, respeitando as singularidades e promovendo um movimento constante com os alunos da graduação de compreensão do momento social e histórico dos atores envolvidos.

O Diversidades possibilita a professoras/es e estudantes o contato com a diferença, permitindo que cada um/a de nós possa se repensar enquanto ser humano e profissional, abandonando preconceitos, revendo posicionamentos e exercendo a empatia. Trata-se de um processo de aprendizagem e desconstrução constantes, já que todas/os fomos socializadas/os em uma sociedade heteronormativa. Os desafios de abandonar os binarismos de gêneros, os estereótipos e ideais de masculinidade e feminilidade são constantes, e se dão não apenas através de reflexões e debates, mas o mais importante, no contato com o/a outro/a.

Por outro lado, de maneira geral, os participantes das atividades promovidas pelo projeto *Diversidades* apresentam

como negativa a escassez de interesse pelo público em geral e espaços fora do meio acadêmico, ainda mais que, na maioria das vezes, as pessoas não dispõem de muitas informações sobre o assunto. Assim, são apresentadas sugestões para a busca por participação mais ampla, com maior frequência e ampliação dos espaços de atuação para além da universidade, no sentido proposto por Tauchen e Fávero (2011) ao apontarem que o saber acadêmico amplia-se quando interseccionado aos “problemas” da comunidade, portanto, faz-se necessário expandir para além dos muros universitários. A indissociabilidade da tríade ensino-pesquisa-extensão, referida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996 e pautada pelos estudos como os de De Paula (2013), Abranches (2014), Silva *et al.* (2017), entre outros, aponta que o contato com o conhecimento e descobertas para com a comunidade ampliam o aprendizado e as formas de usufruí-los, bem como as oportunidades de atuação. Portanto, compreendendo a necessidade de mais oportunidades para discussão e propagação de conhecimento acerca dessa temática, outras ações estão sendo estudadas e propostas.

Os participantes efetivos do projeto de extensão visualizam a importância das ações desenvolvidas nele em razão do impacto negativo que a discriminação provoca nas pessoas e na sociedade, expressada pela LGBTfobia e agravada pela heteronormatividade, que cria ambientes de hostilidade e exclusão. Com isso, são oportunizados debates frente ao acesso à cidadania, educação e direitos fundamentais.

Uma estudante do curso de pós-graduação em administração e participante do grupo de extensão aponta sobre a relevância e necessidade de projetos de extensão advindos das IES nas mais diversas áreas, sobretudo aquelas em que os direitos humanos são infringidos unicamente por pré-conceitos enraizados, como o caso da população LGBTQIA+. Estas pessoas, dotadas de sentimentos e emoções, enfrentam e se colocam em lutas diárias em prol de uma sociedade que as considere dignamente, colocando-as a salvo de discursos e ações preconceituosos e discriminatórios. Zerbinati e Bruns (2019) destacam que a violência transfóbica é o resultado das excludentes normas de gênero existentes e dos estereótipos mantidos pelos próprios mecanismos de controle sexual que os produziram. Desse modo, ainda lembram os autores que a sociedade está sendo “intimada” a discutir acerca das normas do gênero e sexo, muitas vezes repressoras, excludentes e violentas. Ademais, Mott (2006) coaduna ao destacar que a violência letal contra minorias sexuais e de gênero não se trata de crimes comuns, decorridos de assalto, bala perdida ou crimes passionais, mas são “crimes de ódio”.

A estudante recorda que o Brasil é um dos países com maior incidência de assassinatos causados por LGBTfobia e tem o maior registro de homicídios de pessoas transexuais, como também é destacado por Zerbinati e Bruns (2019). São mortes motivadas pelo ódio, que se manifestam cotidianamente por meio de violências física, moral e psicológica. Desse modo, o projeto de extensão Diversidades permite dar visibilidade e destacar os direitos

humanos, além de motivar nos extensionistas a reflexão sobre práticas e valores sociais da academia para a comunidade:

Faço parte de uma universidade comunitária, logo, meu orgulho está em poder contribuir para com ela ou parte dela. LGBTQIA+ não é apenas uma sigla. Chega de homofobia, não apenas na lei. Nesse intuito, o projeto desenvolve reuniões quinzenais, possibilitando reflexões diversas. É um espaço aberto, de acolhimento e apoio. Estou feliz em poder contribuir, mesmo que seja apenas com uma gotinha nesse mar de desafios, mas certamente com ela, esse mar fica menor.

Ainda, manifestações da comunidade externa da UPF revelam, inclusive em chats das *lives* e outras ações educacionais, a importância da atuação do projeto na cidade de Passo Fundo e região; também manifestam a satisfação em ter acesso a informações tão importantes. Tais manifestações positivas da comunidade em geral também são recorrentes no atendimento clínico, tanto por parte dos pacientes, quanto dos seus familiares.

Esse conjunto de práticas realizadas pelo projeto também estão inseridas nas matrizes curriculares dos cursos de graduação envolvidos, por meio de disciplinas, estágios e outros componentes curriculares, fomentando assim a curricularização da extensão, referida por Garcia (2012) e Vieira e Dalmolin (2015). Os autores são enfáticos quanto ao fato de que a curricularização da extensão necessita ser planejada para não se tornar apenas um “apêndice curricular” que satisfaça as exigências legais. Necessita ser delineada de forma que não destrua a potência que a extensão tem, e sim tornar estes projetos aptos à prática da cidadania contida em muitos cursos como

missão, no entanto pouco praticada. Desse modo, Garcia (2012) destaca que extensão possa ser articuladora dessa práxis, deixando de ser apenas composta por ações isoladas, mas que compreendem institucionalmente os cursos.

Nesse sentido, depoimentos de docentes e estudantes envolvidos no projeto revelam o quanto a experiência tem oportunizado momentos de reflexão e construção de saberes dentro do espaço da sala de aula, especialmente por meio de oficinas desenvolvidas com estudantes de cursos de diferentes áreas do conhecimento. Tais colocações coadunam e reforçam o enfatizado por Rodrigues *et al.* (2013) e Silva (2016) ao referirem que a extensão, por manter esta integração entre universidade e comunidade, possui caráter transformador para os discentes, docentes e também para a própria comunidade, justamente por fortalecer a troca de conhecimentos e concretizar experiências para o aprendizado dos acadêmicos recebido na academia. Além disso, cabe destacar a afirmação de Vieira e Dalmolin (2015), por ir diretamente ao encontro dos relatos dos participantes do projeto de extensão, sobretudo quando, para muitos professores, é possível constatar a qualidade diferenciada na formação dos estudantes que vivenciam a experiência em projetos de pesquisa e extensão durante a sua vida acadêmica.

Por meio das evidências empíricas, conclui-se que este projeto contribui para com a discussão e visibilização da causa LGBTQIA+ com resultados efetivos, fortalecendo o acesso à informação acerca desta temática, constituindo-se

em um espaço democrático e efetivo de cuidado em saúde (física e emocional), consolidando ações diretas em busca de liberdade, equidade e redução das estigmatizações, contribuindo, assim, com a realização dos ODS.

Considerações Finais

Chegando ao final deste relato sobre o projeto de extensão “Diversidades: visibilidade e garantia de direitos” da UPF, pode-se afirmar que ao longo desses anos muitos resultados positivos foram alcançados: várias atividades de formação com a comunidade interna e externa à universidade, atendimentos clínicos fonoaudiológicos, participação em eventos científicos diretamente relacionados à pesquisa e extensão, com participação efetiva por meio de apresentação de trabalhos, condução de palestras, oficinas e rodas de conversa. Ainda, como forma de registro e socialização das atividades/ações do projeto, foram publicados artigos científicos e capítulos de livros.

Entretanto, compreende-se a necessidade da ampliação de espaços para discussão e propagação de conhecimento acerca dessa temática, visto que vem a contribuir de forma marcante na discussão e na visibilização da causa LGBTQIA+, de modo a fortalecer o acesso à informação e a garantia de direitos no âmbito do reconhecimento social. Ainda, o projeto traz importante contribuição ao possibilitar um acesso democrático e efetivo ao cuidado em saúde, concretizando em ações diretas a busca pela liberdade e pela equidade.

Cabe sublinhar o significado da extensão universitária no fortalecimento do papel social da universidade brasileira

e a necessária indissociabilidade da extensão, ensino e pesquisa. Como bem pontuam Manchur, Suriane e Cunha (2013) e Canon e Pelegrinelli (2019), a extensão possibilita ao acadêmico o contato entre a teoria (por meio da universidade) e a aplicabilidade na sociedade. Projetos como o Diversidades, nesse sentido, constituem-se em práticas capazes de tecer vínculos entre a universidade e as demandas da população, além de contribuir para a formação de profissionais sensíveis e comprometidos com o avanço de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Por fim, salienta-se que, justamente por ficar evidenciada a importância do projeto para todos os envolvidos, constatando-se que há consenso quanto à necessidade da continuidade do trabalho que vem sendo desenvolvido, não se nega os constantes desafios oriundos da dinâmica social e mudanças oriundas dela. Nessa lógica, ações e atividades desenvolvidas pelo projeto necessitam ser revisitadas constantemente, bem como a ampliação da abrangência do projeto no sentido de envolver um número maior de estudantes e pessoas da comunidade, e porque não, professores. Ademais, entende-se como importante a continuidade desta pesquisa, com vistas a dar continuidade a “avaliação” da atuação do projeto de extensão diversidades, visto que ele se constitui numa prática capaz de tecer vínculos entre a universidade e as demandas da população, além de contribuir para a formação de profissionais comprometidos com o avanço de uma sociedade mais inclusiva.

Referências

ABRANCHES, M. POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – 2012: IDENTIDADE E DIRETRIZ PARA A PRÁTICA EXTENSIONISTA NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO. IN: CANDIDO, J. G.; SILVA, L. D. (ORGS.). **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CONCEITOS, PROPOSTAS E PROVOCAÇÕES**. SÃO BERNARDO DO CAMPO: UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, 2014.

ARÁN, M.; MURTA, D.; LIONÇO, T. TRANSEXUALIDADE E SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL. **CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA**, v. 14, n. 4, p. 1141-1149, 2019. DOI: DOI.ORG/10.1590/S1413-81232009000400020.

BOTOMÉ, S. P. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: EQUÍVOCOS, EXIGÊNCIAS, PRIORIDADES E PERSPECTIVAS PARA A UNIVERSIDADE. IN: FARIA, D. S. (ORG.). **CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA LATINA**. BRASÍLIA: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2001. p. 159-175.

BRASIL, CONSTITUIÇÃO (1988). **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. BRASÍLIA, DF: SENADO, 1988.

BRASIL. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. BRASÍLIA, DF: CONGRESSO NACIONAL, 1996. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.PLANALTO.GOV.BR/CCIVIL_03/LEIS/L9394.HTM](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). ACESSO EM: 30 MAIO 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE GESTÃO ESTRATÉGICA E PARTICIPATIVA. DEPARTAMENTO DE APOIO À GESTÃO PARTICIPATIVA. POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INTEGRAL DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS / MINISTÉRIO DA SAÚDE, SECRETARIA DE GESTÃO ESTRATÉGICA E PARTICIPATIVA, DEPARTAMENTO DE APOIO À GESTÃO PARTICIPATIVA. BRASÍLIA: 1. ED., 1. REIMP. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013.

BRASIL. **ODS – METAS NACIONAIS DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**. MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. IPEA. 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://NACOESUNIDAS.ORG/POS2015/AGENDA2030/](https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/). ACESSO EM: 29 MAIO 2021.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018**. ESTABELECE AS DIRETRIZES PARA A EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA E REGIMENTA O DISPOSTO NA META 12.7 DA LEI Nº 13.005/2014, QUE APROVA O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PNE 2014-2024 E DAS OUTRAS PROVIDÊNCIAS. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2018. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.IN.GOV.BR/MATERIA/-/ASSET_PUBLISHER/KUIRW0TZC2MB/CONTENT/ID/55877808](https://www.in.gov.br/materia/-/ASSET_PUBLISHER/KUIRW0TZC2MB/CONTENT/ID/55877808). ACESSO EM: 30 MAIO 2021.

BRASIL. **TRANSFORMANDO NOSSO MUNDO: A AGENDA 2030 PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**. 2015. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.AGENDA2030.ORG.BR/SOBRE/](http://www.agenda2030.org.br/sobre/). ACESSO EM: 30 MAIO 2021.

CANON, C. A. S.; PELEGRINELLI, G. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O IMPACTO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS DISCENTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR. **REVISTA UFG**, v. 19, p. 1-15, 2019.

DE PAULA, J. A. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: HISTÓRIA, CONCEITO E PROPOSTAS. **INTERFACES-REVISTA DE EXTENSÃO DA UFMG**, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013.

FLICK, U. **INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA**. TRAD. JOICE ELIAS COSTA. 3.ED. SÃO PAULO: ARTMED, 2009.

FREIRE, P. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 2014.

FREIRE, P. R. N. **EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO?** 13ª ED. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 2006.

FREIRE, P. R. N. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1996.

GARCIA, B. R. Z. **A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE**. 2012. 115 F. TESE (DOUTORADO EM PSICOLOGIA) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2012.

GONÇALVES, N. G. INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: UM PRINCÍPIO NECESSÁRIO. **REVISTA PERSPECTIVA**, v. 33, n. 3, p. 1229 - 1256, 2015.

MANCHUR, J.; SURIANI, A. L. A; CUNHA, M. C. A CONTRIBUIÇÃO DE PROJETOS DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE GRADUANDOS DE LICENCIATURAS. **REVISTA CONEXÃO - UEPG**, v. 9, n. 2, p. 334-340, 2013.

MOTT, L. HOMO-AFETIVIDADE E DIREITOS HUMANOS. **REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS**, v.14, n.2, p. 509-521, 2006.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **PESQUISA SOCIAL: TEORIA, MÉTODO E CRIATIVIDADE**. 29. ED. PETRÓPOLIS: VOZES, 2010.

ROCHA, R. M. G. A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA LATINA. IN: FARIA, D. S. (ORG.). **CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA LATINA**. BRASÍLIA: UNB, 2001.

RODRIGUES, A. L. L.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; COSTA, C. L. N. A.; NETO, I. F. P. CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA SOCIEDADE. **CADERNOS DE GRADUAÇÃO - CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**, v. 1, n.16, p. 141-148, 2013.

SILVA, C. F.; MEIRA, D. S.; SILVA, J. M.; ROSSI, T. R. A.; SANTOS, L. A.; ARAUJO, E. M. Q. ARTICULAÇÃO EXTENSÃO E PESQUISA NO TRATAMENTO DA SÍNDROME METABÓLICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA. **REVISTA UFG**, v. 17, n. 20, p. 61-79, 2017.

SILVA, M. G. M. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO SENTIDO DO ENSINO E DA PESQUISA. IN: FARIA, DÓRIS SANTOS DE (ORG.), **CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA LATINA**. BRASÍLIA: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2001. p. 91-105.

SILVA, W. P. **As ações de extensão na construção de uma universidade sertaneja**. 2016. 135f. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, FORTALEZA, 2016.

TAUCHEN, G.; FÁVERO, A. A. O PRINCÍPIO DA INDISSOCIABILIDADE UNIVERSITÁRIA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO. **LINHAS CRÍTICAS**, v. 17, n. 33, p. 403-420, 2011.

VIEIRA, A. J. H; DALMOLIN, B. M. **CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: POTENCIAS E DESAFIOS NO CONTEXTO DA GESTÃO ACADÊMICA**. IN: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2015.

YIN, R. K. **PESQUISA QUALITATIVA DO INÍCIO AO FIM**. PORTO ALEGRE: PENSO, 2016.

ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. T. TRANSFOBIA: CONTEXTOS DE NEGATIVIDADE, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA. **PERIÓDICUS**, v.2, n.11, p.195-216, 2019.